

A dupla intencionalidade da recordação iterativa na fenomenologia husserliana

Adriano Negris¹

Resumo

O objetivo do presente texto é apresentar uma perspectiva da abordagem fenomenológica realizada por Edmund Husserl sobre a questão do tempo. Para cumprir a tarefa proposta, acompanharemos a análise de Husserl sobre a relação existente entre uma temporalidade mundana e a consciência subjetiva do tempo. O resultado dessa investigação pretende demonstrar como a questão do tempo deve ser pensada a partir da temporalidade do ego transcendental, a qual se desvela através da ideia de fluxo de consciência na dupla intencionalidade da recordação iterativa.

Palavras-chave: Tempo, Fenomenologia, Dupla intencionalidade da recordação iterativa.

Abstract

The central goal of this paper is to present an overview of the phenomenological approach taken by Edmund Husserl on the question of time. To accomplish the task at hand, we will follow the analysis of Husserl on the relationship between a worldly temporality and subjective consciousness of time. The result of this research aims to show how the issue of time should be considered from the temporality of the transcendental ego, which is revealed through the idea of stream of consciousness in double intentionality recall iterative.

Key-words: Time, Phenomenology, Intentionality double iterative recall.

O que é o tempo? De início, a questão apresentada parece simplória devido à familiaridade que temos na lida com o tempo, pois o agir cotidiano é essencialmente marcado pela temporalidade. Contudo, essa pré-compreensão do tempo nos possibilita responder a questão fundamental: *o que é o tempo?* A constatação feita por Agostinho no Livro XI das *Confissões*² revela a profunda aporia que permeia o tema. Na

¹ Adriano Negris é graduando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.
E-mail: adrianonegris@gmail.com

² “*O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação, que, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente*”. In: *Santo Agostinho – Vida e Obra*, Coleção Os Pensadores. Tradução: J. Oliveira Santos, S.J e A. Ambrósio de Pina, SJ. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000, p. 322.

investigação sobre o tempo, Edmund Husserl vai realizar uma abordagem fenomenológica sobre a relação de pertinência entre o tempo objetivo (tempo mundano) e a consciência subjetiva do tempo, excluindo quaisquer suposições, afirmações e convicções a respeito do tempo objetivo para que se entenda o tempo como realidade imanente aos atos intencionais. O presente trabalho tem a intenção de acompanhar a tarefa fenomenológica de Husserl, notadamente a análise da temporalidade do ego transcendental que se desvela na idéia de fluxo de consciência na dupla intencionalidade da recordação iterativa.

Antes de iniciarmos o desenvolvimento do escopo aqui traçado, convém estabelecermos o horizonte no qual o tema da temporalidade vai se mostrar na fenomenologia de Husserl. Para tanto, elegemos como fio condutor a própria noção de temporalidade do ego transcendental exposta por Husserl.

O ego transcendental pode ser encarado como uma síntese performática que incessantemente vai articulando vivências e ao mesmo tempo abrindo possibilidades de constituição da consciência juntamente com seus objetos. Ao realizar uma reflexão sobre a dinâmica dos atos intencionais, observamos que tanto o próprio ato como seus campos correlatos se dão, necessariamente, dentro de um horizonte temporal. Isso ocorre porque os atos intencionais se constituem mediante percepção, lembrança ou imaginação que corresponde, respectivamente, a um presente, passado e futuro. Nesse sentido, as vivências intencionais são inegavelmente temporais. Tendo em vista essa compreensão, Husserl vai realizar a descrição da experiência temporal do ego transcendental.

Numa primeira aproximação, podemos apontar que existe um tempo que marca a percepção de algo como algo e um tempo inerente ao perceber. Em outras palavras, o que se quer dizer é que a percepção sempre atual dos atos intencionais e seus correlatos estão estreitamente ligados a uma consciência interna do tempo. Assim, há uma temporalidade marcada por uma identificação que possibilita a consciência apreender a identidade de determinado objeto. Essa temporalidade objetiva corresponde à ordem cronológica do tempo (passado, presente e futuro), concebida mediante uma atitude natural em relação ao mundo. Por outro lado, a síntese que compõe o ego transcendental não é uma instância atemporal, ela possui uma consciência interna do tempo, que deve ser compreendida a partir de uma experiência contínua do tempo – um fluxo temporal -,

que suprime a pretensa autonomia das dimensões temporais objetivas – passado, presente e futuro.

A temporalidade objetiva permite identificar um objeto tal como ele se mostra no ato de perceber. Mas a cada perceber, a cada ato intencional, o objeto se mostrará de modo perfilado, já que a percepção fixa “atômica” a realidade. Então, como é possível a aparição de um objeto na sua identidade mesma – na sua idealidade – tendo em vista a incessante alteração de perspectiva deste mesmo objeto provocada pela percepção? É justamente a consciência interna do tempo que abarca, num só fluxo, todos os modos possíveis de mostraçã de um objeto, permitindo-nos apontar sua idealidade na experiência particular da percepção. Dessa maneira, a consciência interna do tempo é uma síntese temporal que incessantemente articula um fluxo de vivências e permite abarcar e articular os momentos temporais constantes na ordem objetiva do tempo (passado, presente e futuro). Assim sendo, em que sentido a reflexão fenomenológica de Husserl aponta para idéia de fluxo de consciência como base de toda experiência temporal do ego transcendental?

Husserl inicia sua abordagem acerca da consciência interna do tempo a partir do fenômeno da duração da sensação de um objeto temporal. Como sabemos, o ato intencional abre um campo de mostraçã no qual seus objetos (ou conteúdos) se constituem de maneira ideal no interior do próprio horizonte descerrado pela intencionalidade. Quando um conteúdo é dado no horizonte da relação intencional verificamos que este mesmo objeto se apresenta com uma duração – seja ele se alterando ou se mantendo. Segundo Husserl, essa consciência de duração de um objeto tem que ser originária, pois a experiência de uma percepção que dura é condição de possibilidade da sensação de que algo dura. Em outros termos, a duração da sensação tem que ser originária porque não poderia haver uma representação derivada da duração. Então, se a duração da sensação acena para uma temporalidade mais originária, devemos, agora, investigar como se dá a duração de um objeto temporal.

Os objetos temporais, afirma Husserl, são aqueles “que não são apenas unidades no tempo, mas que contêm também em si mesmo extensão temporal”³. Além da extensão temporal (duração), eles se constituem numa multiplicidade de dados e

³ HUSSERL, Edmund. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Tradução, introdução e notas: Pedro M. S. Alves. Lisboa: Casa da Moeda, 1994, p.56.

apreensões imanentes porque não são dados fora de uma relação intencional. Mas no interior das relações intencionais, como se dá a diferenciação temporal desses objetos? A distinção temporal (algo que se apresenta como passado, presente e futuro) não é fornecida pela *quiddidade* dos objetos temporais, uma vez que o surgimento desses objetos já pressupõe uma experiência temporal para que eles sejam temporalmente distintos. Nesse sentido, notamos que a temporalidade é o modo de acontecimento dos atos intencionais, tendo em vista que a experiência temporal é compreendida de maneira cooriginária aos atos intencionais, suas vivências e aos próprios conteúdos vivenciais.

A duração dos objetos temporais também coloca em evidência outros fenômenos que a ela estão associados, a saber: o decurso temporal e a retenção. A gênese de um objeto temporal deve ser encarada como um marco temporal (ponto-fonte), um início. A partir desse início, notamos que o objeto preenche sua duração. Para que haja a constituição desse objeto é necessário que suas fases se sucedam umas as outras de modo que as anteriores não se percam por completo, nem que haja uma superposição contínua de fases. A cada fase de um objeto que se dá num momento “agora”, que deve retrair-se de maneira modificada para que suas fases posteriores possam surgir continuamente. Para explicar o acontecimento da retenção destacamos o seguinte exemplo mencionado por Husserl:

Quando, por exemplo, soa uma melodia, o som individual não desaparece completamente com o cessar do estímulo ou então com o movimento dos nervos por ele excitados. Quando soa o novo som, o precedente não desaparece sem deixar rastro, senão nós seríamos mesmo incapazes de notar as relações entre sons consecutivos; nós teríamos, em cada instante, um som, eventualmente, no intervalo de tempo entre o toque de dois sons, uma pausa vazia, nunca, porém, a representação de uma melodia. Por outro lado, não basta ficarmos com esta permanência das representações de som na consciência. Se elas permanecessem sem modificação, teríamos nós então, em vez de melodia, um acorde de sons simultâneos, ou antes uma amalgama desarmônica de sons, tal como a obteríamos se todos os sons já soados tocassem simultaneamente⁴

Por meio da descrição do soar de uma melodia Husserl demonstra que quando um som se dá num determinado ponto temporal, ele paulatinamente se afasta deste ponto inicial, mas ao mesmo tempo algo é retido enquanto ocorre o afastamento. Na

⁴ *Idem*, 1994, p.45 e 46.

retenção tem-se uma consciência do som que se foi e da duração que ele preenche. Quando o som acaba, resta ainda a consciência do som e da duração do som, que permanece de maneira alterada, revelando o decurso do som (decurso temporal). Nesse contexto, o decurso temporal é marcado pelo movimento de distanciamento paulatino; algo que vai se afastando de um ponto para outro. A consciência do decurso temporal é capaz de deixar à vista o fato que a duração é o modo de aparição de um objeto temporal e, ao mesmo tempo, realçar que essa aparição se dá na unidade de um fluxo constante. Segundo Husserl, o fenômeno do decurso “é uma continuidade de mutações constantes, que forma uma unidade inseparável – inseparável em extensões que pudessem ser por si e indivisível em fases que pudessem ser por si, em pontos da continuidade. Os fragmentos que extraímos abstractivamente podem ser apenas no decurso total e do mesmo modo as fases, os pontos da continuidade do decurso”⁵.

Diante das observações realizadas por Husserl, depreendemos a necessidade de se pensar a temporalidade de algo a partir da idéia de fluxo dinâmico que vai incessantemente articulando passado, presente e futuro. Toda a experiência de objetos tem lugar em um fluxo de experiências onde cada momento presente – momento em que algo se apresenta originariamente, na percepção, como objeto mesmo – leva em si, retidas em certa medida, as experiências passadas que por sua vez antecipa ou projeta as possíveis experiências futuras a partir do efetivamente experimentado. Com isso verificamos que não se pode falar da consciência de objetos sem ter em conta ao mesmo tempo a consciência do horizonte em que necessariamente se encontra todo objeto de que se tem experiência. O contexto de um objeto é também um contexto temporal formado pelas lembranças passadas e as futuras experiências possíveis, imaginadas.

Até o presente momento tentamos reconstruir o caminho percorrido por Husserl na descrição do fenômeno da duração dos objetos temporais e o próprio movimento retencional constitutivo desses objetos na imanência da dinâmica do fluxo de consciência. A partir deste ponto, o referido percurso vai servir de alicerce para explicar o processo de recordação dos objetos temporais e, em última instância, a dupla intencionalidade da recordação iterativa.

⁵ *Idem*, 1994, p.60.

O ato de percepção de um objeto está estritamente ligado ao fenômeno de retenção continua de suas fases em relação a um ponto-agora – tido como um marco temporal. As fases de um objeto vão se doando à percepção (ponto-agora) e, de maneira subsequente, aos poucos vão se escoando para um “passado-agora” que se retém modificado para a apreensão de uma nova fase necessária à constituição do objeto temporal. Na retenção temos a sensação de duração que se esvai e que se manifesta por meio do ato intencional da percepção. Segundo Husserl, “caracterizamos a recordação primária ou retenção como uma cauda de cometa, que se agrega à respectiva percepção. Disso deve ser inteiramente distinguida a recordação secundária, a recordação iterativa”⁶. Mas, o que afinal caracteriza a recordação iterativa?

Na retenção o conteúdo do percebido se mantém como uma intensidade atenuada, porém, na recordação iterativa, o que ocorre é a presentificação de algo que não está mais presente no agora. Com a recordação iterativa, o ponto-agora (ponto-fonte) é preenchido por um recordado, por um passado que vem à tona num presente, tornando-se um presente presentificado, mas não realmente presente, não percebido, não primariamente dado e intuído. Apesar da recordação presentificar algo passado, ela própria se constitui por meio de protensões e retenções que vão proporcionar a duração de um objeto duradouro. Husserl nos diz:

A recordação iterativa é, ela própria, recordação iterativa originariamente constituída e, depois, mesmo agora passada. Constrói-se, ela própria, através de um continuo de protensões e retenções e constitui (ou melhor: reconstitui), em unidade com eles, uma objetividade duradoura imanente ou transcendente (segundo ela esteja imanente ou transcendentemente dirigida). A retenção, pelo contrário, não produz nenhuma objetividade duradoura (nem original nem reprodutivamente), mas apenas retém na consciência o produzido e imprime-lhe o caráter de ‘mesmo agora passado’⁷

Quando observamos o modo pelo qual a recordação iterativa se dá, notamos que a recordação manifesta-se num ponto-agora, num presente. Nesse momento “agora” a percepção não vai dar ensejo a constituição originária de um objeto temporal, que se mantém pelo meio retencional de suas fases. Na recordação iterativa a percepção

⁶ *Idem*, 1994, p.67.

⁷ *Idem*, 1994, p.68.

presentifica um objeto que se encontra num ponto temporal distinto do ponto-agora, representando um “agora” que não é dado. Para destacar a oposição entre percepção e recordação, vale citar a interessante passagem do §17º das *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*:

Se chamamos, porém, percepção ao acto em que reside toda origem, que constitui originalmente, então a recordação primária é percepção. Porque apenas na recordação primária vemos o que é passado, apenas nela se constitui o passado e, sem dúvida, re-presentativamente, mas antes de modo presentativo. O mesmo-agora-sido, o antes em oposição ao agora, pode ser directamente visto apenas na recordação primária; é sua essência trazer esta novidade e peculiaridade à intuição directa, primária, exactamente como é a essência da percepção do agora trazer directamente o agora à percepção. Pelo contrário, a recordação iterativa, tal como a fantasia, oferece-nos a simples presentificação; ela é como que a mesma consciência que o acto-do-agora e o acto-do-passado, criadores de tempo, como que a mesma, mas contudo modificada (HUSSERL, 1994, p. 72).

A recordação iterativa presentifica um determinado objeto temporal e todas as suas fases e retenções que lhes são inerentes num presente-agora, revelando uma consciência de sucessão tal como é dada na consciência originariamente doadora. Na recordação iterativa podemos repetir essa consciência de sucessão originária, no qual presentificando-a, acabamos por recordá-la. E, como afirma Husserl, a presentificação de uma vivência acha-se *a priori* no domínio da liberdade, pois podemos voluntariamente recordar de algo quantas vezes desejarmos.

Agora sabemos que a recordação iterativa é dotada de um carácter voluntário, tendo em vista que presentificamos algo que foi efetivamente vivenciado pelo ego transcendental. Pela recordação, podemos “recolher” o conteúdo de uma vivência intencional que já tenha sido experimentada em determinada posição temporal e presentifica-lá a partir de um “ponto-agora” da percepção. A questão que se apresenta neste ensejo é a seguinte: como um objeto reproduzido pela recordação iterativa ganha a propriedade de algo passado? Como podemos afirmar que um determinado conteúdo vivencial reproduzido pela recordação é um passado? O que nos permite dizer que algo recordado é passado? Para responder tais indagações, Husserl menciona que é importante distinguir, em cada presentificação, a reprodução da consciência em que o

objeto duradouro passado é originariamente constituído e aquilo que se anexa a reprodução como constitutivo para consciência de passado, de presente ou de futuro.

Para que questão possa ser elucidada é imprescindível pensarmos na idéia de fluxo de consciência. Aliás, só caminhamos para um desenlace do problema se a consciência da recordação for observada de maneira imanente ao fluxo de consciência. Isto porque a unidade do fluxo de consciência é uma continuidade de mutações constantes, que forma uma unidade inseparável, de modo não podemos vislumbrá-la em fases que pudessem ser por si ou em fases que pudessem ser por si, em pontos da continuidade. Como alerta Husserl, “os fragmentos que extraímos abstractivamente podem ser apenas no decurso total e do mesmo modo as fases, os pontos da continuidade do decurso”⁸. Então, o que significa a dupla intencionalidade da recordação?

Quando recordamos, mediante o uso da liberdade, efetivamente experimentamos algo que foi verdadeiramente vivenciado em outro ponto temporal diverso do ponto- agora no qual a recordação se dá. Esta constatação não é suficiente para apontar o objeto da recordação como passado. Mas o que ocorre para que possamos ter consciência do passado na recordação? A recordação presentifica um objeto, repetindo todas suas fases de constituição e a retenção que lhe é pertinente. Quando ocorre a recordação, ela se dá na imanência de um fluxo temporal no qual não somente a recordação vivida aparece, mas todo o fluxo temporal é colocado em jogo, de maneira que todo o fluxo temporal é recordado até o ponto temporal onde a recordação está em desenvolvimento. Assim, Husserl explica que:

A recordação está num fluxo constante, porque a vida da consciência está num fluxo constante e não se une numa cadeia apenas membro após membro. Pelo contrário, todo o novo reage sobre o antigo, a sua intenção antecipativa preenche-se e determina-se com isto, o que dá à reprodução um colorido determinado.

Na dinâmica do fluxo de consciência, a recordação contém uma intencionalidade que se volta para (re)constituição do objeto temporal, no qual a presentificação do

⁸ *Idem*, 1994, p.60.

objeto é dada mediante um retorno completo a todo fluxo temporal para chegar até o ponto do presente em que se manifesta a recordação. Por outro lado, como o fluxo não pode ser estático, ele constantemente se articula como abertura para apreensão de novas vivências. Por ser uma síntese em fluxo, todos os objetos que surgem na consciência de um agora são influenciados pelas vivências anteriores que se deram ao longo do fluxo e, de tal maneira, que todo o novo reage sobre o antigo. O novo aponta para novamente para o novo, o qual se determina, ao entrar em cena, e modifica as possibilidades reprodutivas do antigo. Essa retroação ao longo da cadeia temporal e o movimento de protensão – ambos imprescindíveis para presentificação do recordado – forma a dupla intencionalidade da recordação. O objeto recordado ganha tons de algo passado porque o ato de recordar, que se dá num presente, retorna todo fluxo de consciência e com isso influencia o recordado. O presentificado na recordação adquire o caráter de passado justamente porque do ponto agora, influenciado pelos eventos da cadeia temporal, se dá com um matiz diferenciado, pois o que foi originariamente constituído e que agora se reconstitui pela recordação está em incessante processo de obscurecimento. Os conteúdos das vivências que se deram num passado não são alterados pela presentificação da recordação. Contudo, o modo como a vivência se dá na presentificação é nitidamente diferenciado, não só porque está temporalmente afastado do ponto agora, mas também porque o modo de aparecer do conteúdo recordado está influenciado por todas as vivências que se deram ao longo do fluxo de consciência até o ponto agora. Nesse sentido, Husserl explica que “o poder retroactivo retrocede ao longo da cadeia, porque o *passado* reproduzido traz o caracter de passado e uma *intenção indeterminada*, referida a uma certa posição temporal em relação ao agora”⁹.

Diante das lições de Husserl, depreendemos que apenas na unidade do fluxo de consciência se constitui a unidade temporal do objeto recordado e a própria unidade do fluxo. O que a dupla intencionalidade revela é o incessante movimento do fluxo, no qual impõe sempre um movimento para frente, lançando-se sempre para o novo e simultaneamente resgatando-se por meio da retroação às vivências anteriormente experimentadas. Cada fase do fluxo traz consigo não um ponto isolado do decurso, mas o rastro intencional de todas as fases anteriores.

⁹ *Idem*, 1994, p.83.



A análise da dupla intencionalidade deixa transparecer a unidade incindível do fluxo de consciência como a própria constituição do ego transcendental. Os atos intencionais, as vivências e seus conteúdos correspondentes só surgem na imanência do fluxo de consciência, no qual sempre aberto para o novo e que também está em constante processo de resgate de si mesmo por meio de suas vivências. Entretanto, essa intencionalidade do fluxo não aparece como algo intuitivo de modo que pudéssemos concretizá-la objetivamente. A constante fluência do ponto-agora não tem qualquer individuação, não detém nenhuma posição temporal fixa, sendo uma incessante atualidade que flui sem durar. Desse modo, é necessário que essa dinâmica intencional fique resguardada num fundo não aparente para que os objetos intencionais constituídos na sua imanência possam aparecer em primeiro plano. Não é por outro motivo que Husserl vai chamar a atenção para o fato de que a intencionalidade do fluxo é uma intuição não-intuitiva, “vazia”, sendo seu objeto a cadeia temporal objetiva dos acontecimentos e que constitui a obscura vizinhança do que iterativamente recordado de modo atual. De modo mais explícito Husserl esclarece:

Não há primeiro plano sem fundo. O lado que aparece nada é sem o lado inaparente. Assim também na unidade da consciência do tempo: a duração reproduzida é o primeiro plano, as intenções de inserção (da duração no tempo) tornam consciente um fundo temporal. E, de um certo modo, isto continua na constituição da temporalidade do próprio (objecto) duradouro, com o seu agora, o seu antes e o seu depois¹⁰

Com as considerações expostas acima, pretendemos destacar como a reflexão fenomenológica husserliana sobre o tempo nos conduz a idéia de fluxo de consciência, explicitada neste trabalho por meio da dupla intencionalidade da recordação iterativa. Para finalizar, consideramos interessante citar um trecho do livro *Introdução à Fenomenologia* (SOKOLOWISKI), que sintetiza a própria noção da unidade de fluxo de consciência como origem da temporalidade do ego transcendental:

A forma do presente vivo assim move-se ruidosa, automática e constantemente, nem mais rápida nem mais lenta, sempre a par da realidade da experiência temporal. Ela é o pequeno motor no coração da temporalidade.

¹⁰ *Idem*, 1994, p.84.

Porque é a origem do tempo, é de algum modo fora do tempo (como também do espaço), e ainda experimenta diferenciação e sucessão, de um tipo próprio a si mesma. É simultaneamente permanente e fluente, o *stehendströmende Gegenwart*, como Husserl a denomina. Ela alterna e ajunta, flui e prende, abre e fecha, como fogo e a rosa que são um (T.S.Eliot, *Little Gidding*, ad finem). Ela é o lugar das mais básicas partes e todos presenças e ausências, identidades em multiplicidades, aquelas que são pressupostas por todas as formas mais complexas constituídas em nível mais elevado na experiência. Esse presente vivo esta também na origem de nossa própria identidade-de-si como agentes de consciência de verdade e ação, mas porque está na nossa origem ela é pré-pessoal. Ela funciona anonimamente. Não poderíamos fazer nada para mudá-la ou fazê-la mais lenta ou acelerada. Não está em nosso poder. Não controlamos nossas origens. Ela apenas se mantém no alvoroço de seus próprios termos. E ainda somos identificáveis com ela; ela é “nossa”, como nossa origem e base.¹¹

Bibliografia

HUSSERL, Edmund. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*.

Tradução, introdução e notas: Pedro M. S. Alves. Lisboa: Casa da Moeda, 1994.

_____. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Tradução:

Maria Gorete Lopes e Souza. Porto: Rés, 2001.

Lyotard, Jean-François. *A Fenomenologia*. Coimbra: Edições 70, 2008.

Santo Agostinho – Vida e Obra. In: Coleção Os Pensadores. Tradução: J. Oliveira Santos, S.J e A. Ambrósio de Pina, SJ. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

SOKOLOWISKI, R. *Introdução a Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

¹¹ SOKOLOWISKI, R. *Introdução a Fenomenologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p.152 a 153.